

DESEJO E DECEPÇÃO CAMINHANDO DE MÃOS DADAS

Ani Mari Hartz Born

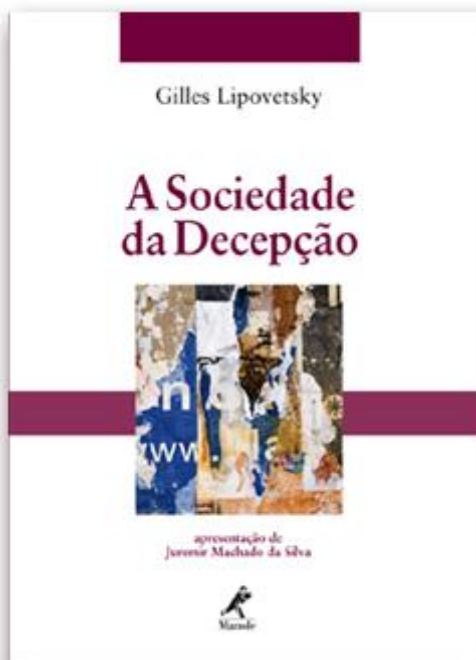
Doutoranda em Ciências da Comunicação (UNISINOS)

Mestre em Comunicação Social (PUC/RS)

MBA em Marketing (ESPM/RS)

Professora Adjunto da ESPM/RS

E-mails: anihartz@uol.com.br / aborn@espm.br



LIPOVETSKY, Gilles. **A sociedade da decepção**. Barueri, SP: Manole, 2007. 84p.

O filósofo francês Gilles Lipovetsky, professor de filosofia na universidade de Grenoble, na França, possui um rol de obras publicadas no Brasil, tais como *O império do efêmero*, *A terceira mulher*, *Metamorfoses da cultura liberal*, *O luxo eterno*, *Os tempos hipermodernos*, *A sociedade pós-moralista*, *A era do vazio*, *O crepúsculo do dever*.

Sob influência de Michel Houellebecq, Friedrich Nietzsche, Blaise Pascal e Alexis de Tocqueville, Lipovetsky navega em temas como moda, feminino, consumo, publicidade, hedonismo, individualismo, luxo, moral.

Se Guy Debord rotulou a sociedade da época através da obra *A sociedade do espetáculo*, e Jean Baudrillard através de *A sociedade do consumo*, Gilles Lipovetsky publicou, em 2007, *A sociedade da decepção* e também *A felicidade paradoxal*. O elo entre essas duas obras está na análise dos paradoxos da sociedade atual. Ao estilo de Edgar Morin, Lipovetsky apresenta os antagonismos da sociedade contemporânea como complementares.

Quem acompanha o trabalho de Lipovetsky tem ciência que o autor é considerado um tanto otimista. Ao ler o título *A sociedade da decepção*, em um primeiro momento se pensa: “será que Lipovetsky virou um filósofo pessimista assim como era Jean Baudrillard?”, mas as oitenta e quatro páginas mostram que “nem tanto ao céu, nem tanto a terra”, ou seja, ele demonstra um hábil e sábio equilíbrio. Desde o início, o filósofo traz evidências do tom ponderador de toda a sua obra: “Quando falamos em sociedade da decepção, não pretendemos insinuar que a desmoralização absoluta seja a marca distintiva de nossa época” (p. 7). A maior provocação, portanto, fica por conta do título impactante.

Este livro possui uma característica peculiar, pois se trata de uma entrevista coordenada por Bertrand Richard, doutor em sociologia pela Sorbonne/Paris V, publicada em formato de livro. São cerca de oitenta e três questionamentos, comentários e intervenções de Richard a Lipovetsky, realizadas de forma concatenada.

Inicialmente, há algumas notas sobre o autor, seguida por um prefácio de Richard. A apresentação, assim como em outras de suas obras, é de responsabilidade de seu amigo Juremir Machado da Silva, também doutor em sociologia pela Sorbonne/Paris V, escritor, tradutor, pesquisador do CNPq e coordenador do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS).

Além disso, o sumário se apresenta em três partes denominadas *A espiral da frustração*, *Consagração e descrédito da democracia* e *Uma esperança sempre renovada*, respectivamente, acompanhadas com uma síntese, o que desperta mais ainda o interesse pela leitura.

Na parte da espiral da frustração, o autor retoma idéias desenvolvidas em alguns de seus livros e aproveita para desmistificar o rótulo de otimista/pessimista que normalmente lhe é imposto. É apenas uma mudança de tom, segundo o autor. O que move Lipovetsky é a busca de uma explicação para as leis do pensamento, que segundo ele, “[...] estão por trás do encadeamento de transformações ocorridas em nosso contexto social e histórico, numa perspectiva mais ampla” (p. 4).

Nessa busca, coloca que o desejo e decepção andam juntos. A decepção é proporcional ao desejo. Essa decepção está presente tanto na esfera da vida pública quanto da vida privada.

A desregulamentação e o enfraquecimento da religião, o ceticismo quanto ao futuro, o trabalho como forma de prazer, e o ensino são fenômenos frustrantes da vida pública destacados pelo autor. Já na vida privada, o amor, a paixão, o sexo, o casamento, os filhos, o divórcio, os valores e o consumo também são objetos de desilusão. Até então, nada de muito novo, porém quando trata mais especificamente do consumo, evidencia que “[...] o que gera decepção não é tanto a falta de conforto pessoal, mas a desagradável sensação de desconforto público e a constatação do conforto alheio” (p. 29). Nesse momento, Lipovetsky põe diretamente o dedo na nossa moleira e nos desacomoda. O autor ainda vai além afirmando que “[...] a inveja provocada pelos bens não comercializáveis (amor, beleza, prestígio, êxito, poder) permanece inalterável, mas aquela provocada pelos bens materiais diminui” (p. 30).

A segunda parte, *A consagração e descrédito da democracia*, centraliza-se na esfera pública, mais especificamente na política. Se por um lado aborda a descrença em relação à política

vivenciada por todos e associa o comportamento consumista ao exercício da cidadania, por outro, se foca essencialmente na França, que possui algumas particularidades. Em uma tentativa de amenizar esse disparate, o autor explica rapidamente que todas as democracias contemporâneas estão marcadas “pela dinâmica dos direitos humanos, da globalização liberal e da influência da mídia” (p. 43), e na América Latina, por exemplo, o problema da corrupção é mais latente do que na Europa.

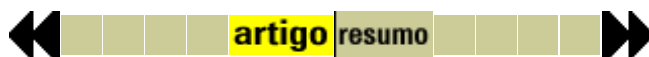
Na terceira e última parte do livro, *Uma esperança sempre renovada*, são vinte e duas páginas que falam da carência em relação à família; do interesse exacerbado pelos animais domésticos; da (anti)publicidade e novamente do consumo. O consumo é um elemento que permeia toda a sociedade da decepção. O autor coloca que não é um mal em si e acredita que um dia a cultura do consumo não terá a mesma importância, o mesmo impacto na vida humana. Finaliza relativizando mais uma vez: “[...] por mais numerosos que sejam os motivos para insatisfação e decepção, serão igualmente numerosas as oportunidades de nos desvencilharmos” (p. 80).

De uma maneira geral, ao longo da obra, o autor exemplifica os paradoxos da sociedade contemporânea com dados bastante interessantes, porém se limita aos dados franceses. Embora não comprometa o seu discurso, seria válido trazer dados brasileiros, por exemplo, em virtude de suas publicações no Brasil, bem como de sua receptividade aqui.

Para quem não acompanha as obras de Lipovetsky, este livro é um achado, pois traz informações sobre o autor e perpassa todos os temas e conceitos como, por exemplo, hipermodernidade (modernidade levada ao extremo), presentes nas demais obras, sendo possível ter um entendimento da visão de mundo do autor. Por outro lado, para quem o acompanha, o livro torna-se apenas um resumo qualificado de todas as suas obras, com algumas pitadas de informações adicionais.

Lipovetsky, através do emprego de palavras como “as pessoas”, “aqueles”, “os assalariados”, “do indivíduo”, “a maioria”, “os diplomados”, nos traz a sensação de que está imune a tudo isso.

Enfim, a tônica do livro se traduz em quanto mais liberdade, mais decepção. Quanto mais desejo, mais decepção. Quanto mais prazer, mais decepção. Quanto mais bem-estar, mais decepção. Lipovetsky só esqueceu de dizer que temos um paliativo para os desejos não realizados, para não nos decepcionarmos inteiramente, para não sermos tão infelizes: o Second Life, cuja tradução em português é Segunda Vida, um ambiente virtual que simula a vida real, inclusive o dinheiro.



InTextO / PPGCOM / UFRGS

Copyright © Desde 1997

Informações e sugestões: intexto@ufrgs.br

<http://www.intexto.ufrgs.br/>

Copyright (c) 2007 Autor(es) / Copyright (c) 2007 The author(s)
The copyright of works published in this journal belong to the
authors, and the right of first publication is conceded to the journal.
Due to the journal being of open access, the articles are of free use in
research, educational and non-commercial activities.

